

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM SYLVIA MARZANO - UROLOGISTA, TERAPEUTA SEXUAL, DE CASAL E DE FAMÍLIA

por Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes

Formada em 1978 pela Faculdade de Ciências Médicas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sylvia Marzano tornou-se especialista em Cirurgia e Urologia Pediátricas de 1979 a 1982, pelo Hospital Infantil Darcy Vargas em São Paulo. Associada SBRASH trabalha, atualmente, como médica urologista do ambulatório de especialidade – AMA-E Jardim Guairacá, da Prefeitura de São Paulo, em parceria com a Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM) da Escola Paulista de Medicina. É também Professora e supervisora do Curso de Pós-graduação em Terapia Sexual do Centro Universitário Salesiano (UNISAL) e do Curso de Sexologia Clínica do Instituto Brasileiro de Ciências Médicas (IBCMED).

Cara Sylvia, foi com imensa satisfação que assumi fazer esta entrevista. Início perguntando-lhe como surgiu o seu interesse pela urologia e como é ser uma urologista mulher.

Após minha formação médica, comecei residência em Cirurgia Urológica Pediátrica. Fiquei 10 anos trabalhando no Hospital Infantil Darcy Vargas em São Paulo, quando fui trabalhar na cidade em que residia - São Caetano do Sul. O consultório era muito “fraco”, pois era uma especialidade com cirurgias complicadas e em pequena quantidade. Fiquei 5 anos também na Faculdade Lusíadas de Santos – SP dando aulas para alunos do 4º ano de medicina e ensinando os residentes da cirurgia Pediátrica a operarem casos de urologia.

Meu consultório, juntamente com meu sócio urologista, estava indo muito bem, quando ele resolveu fazer só as consultas particulares e eu comecei a atender os adultos, principalmente homens. Então fui fazer uma capacitação em urologia de adultos na Faculdade de Medicina do ABC (por 2 anos). Fiquei conhecida pelos pacientes como a única urologista mulher da região e uma das poucas em todo o Brasil. Sofri muito preconceito dos médicos urologistas, mas não dos pacientes, que procuravam mulher para exames de próstata e queixas sexuais.

E o seu envolvimento com a sexualidade, como emergiu?

Durante os atendimentos aos meus pacientes (mais homens que se abriam com queixas sexuais) senti a necessidade de saber sobre sexualidade e iniciei, em 1995, o curso do Nelson Vitiello, com o Oswaldo Rodrigues, no Instituto H.Ellis, no Pacaembu – SP. Fiquei por lá durante 1 ano, precisando parar com a minha agenda. Quando Nelson Vitiello faleceu, em 2002, assumi com um sócio o curso de pós-graduação em terapia e educação sexual, junto à faculdade de Medicina do ABC. Minha relação com a saudosa Sonia Daud se intensificou e foi ela a grande incentivadora para que eu assumisse aulas e supervisões. Quando desfiz a sociedade, passei a coordenar inteiramente o curso. Dediquei-me a estudar mais e mais, a fazer cursos que pudessem complementar meu entendimento sobre a psique humana, as relações e a prática terapêutica. Eu trabalhava incansavelmente para ser uma boa terapeuta sexual e oferecer uma formação de qualidade.

Fiz uma pós-graduação em Terapia Sistêmica de Casal e grupos, EMDR e Psicodrama, da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC), tudo que pudesse me ajudar com os meus pacientes e para incrementar o curso de Terapia Sexual com a Faculdade do ABC. O curso coordenado por mim aconteceu até o ano de 2016. Atualmente, eu continuo na formação de profissionais em terapia sexual, em dois cursos de pós-graduação em terapia sexual (UNISAL) e em sexologia clínica (IBCMED).

Como você avalia o preparo dos/as médicos/as para atuarem no campo da sexualidade?

Pouco preparo. Não só sobre as queixas sexuais e como saber manejá-las, mas, principalmente, pela falta de uma escuta ativa e empatia, advindas do imediatismo que impele os médicos a buscarem diagnóstico e entregar receitas. São poucos os que perguntam sobre a vida sexual dos pacientes, já que é um tema esquecido pela Graduação em Medicina, quando muito abordado na ginecologia e sempre na perspectiva diagnóstica e medicamentosa. No entanto, percebo que nos últimos anos, os cursos que estão se propondo a incluir formação em sexualidade estão ajudando bastante aqueles que procuram esse conhecimento.

Que dificuldades enfrenta em dialogar sobre sexualidade com seus pacientes ou de seus pacientes dialogarem sobre sexualidade com você? Que preconceitos e crenças emergem com mais frequência?

Não encontro dificuldades porque aprendi como acolhê-los e a não os julgar. Também consigo deixá-los à vontade para se abrirem sobre o assunto com uma linguagem simples e acessível. Os homens sentem-se mais à vontade em procurar uma urologista mulher, para o exame de rotina, e, quando a profissional abre o leque de possibilidades para falar sobre suas dores na sexualidade, sentem-se mais acolhidos.

E nos cursos de formação de profissionais na área da sexualidade em que atua, quais as principais dificuldades?

Na verdade, a dificuldade que parece emergir logo no início dos cursos é de como uma médica pode compreender as ferramentas da terapia sexual e ter conteúdo para falar sobre o assunto com os psicólogos! Mas, quando começo a ministrar minhas aulas e a mostrar as minhas vulnerabilidades, colocando até as minhas inadequações em relação ao que ensino agora, o clima fica muito bom e consigo contribuir bastante mesmo para os psicólogos. Em relação aos médicos que fazem os cursos, a maioria me usa como modelo de que conseguirão ser bons terapeutas sexuais.

Que novidades destaca no campo da Medicina, para melhorar a resposta sexual masculina?

Não posso dizer que seja na medicina em geral, mas o fato de podermos capacitar médicos a aprenderem a ter uma escuta ativa com seus pacientes, e a usarem a psico-educação antes da receita da medicação, pode melhorar muito a resposta sexual masculina.

Em relação às medicações, podemos hoje ajudar grande parte dos pacientes que nos procuram com queixas sexuais, as quais podem ser ou não orgânicas, por meio de um conhecimento científico maior de como usá-las. Exemplo são as drogas que auxiliam na ereção (as inibidoras da fosfodiesterase 5 – IPDE5), a medicação com grande resultado para a ejaculação precoce, de uso sob demanda (inibidor da recaptção de serotonina = dapoxetine), e a reposição hormonal masculina (com o uso de testosterona de longa absorção/duração – Undecilato de testosterona). Mas eu, particularmente, não acredito no uso só das medicações, sem que esses pacientes entendam sobre a importância de um autoconhecimento sobre a sua sexualidade, os relacionamentos com a parceria, e o ambiente ao seu redor.

Agradeço e declaro que estas respostas querem dizer o quanto acredito em mim como profissional e formadora de profissionais na Sexualidade Humana.

10 de novembro de 2023
Sylvia Faria Marzano – 69 anos - CRMSP 34295
www.sylviamarzano.med.br - @sylviamarzano

Tereza Cristina P. C. Fagundes
Pedagoga, mestra e doutora em Educação.
Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Associada Honorária da SBRASH
Membro da Comisión de Educación y Formación Continua
de FLASSES (2018-2022)